



1.) No livro "História da Espinha", Milton Santos busca uma sistematização da conceitualização da esfera geográfica. Ao longo de uma complexa conceitualização, o autor vai justificando as razões que levam a esfera geográfica a ser definida como um "sistema indissociável de objetos e ações".

Ao longo dessa esfera conceitual, Santos, para oferecer uma periodização, afirma que a humanidade vivenciou a emergência de três meios: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico informacional. Trata-se de uma divisão apoiada em critérios técnicos. A página técnica é periodizada pelo autor, que apresenta as técnicas do acervo, técnicas do artesanato e técnicas da engenharia, afirmando, ainda, que as técnicas do artesanato envolviam "destreza, mas não ciência", ao contrário das técnicas da engenharia.

Portanto, o que temos são classificações que mostram, desde uma grande dependência da natureza, até o período em que, mesmo dependendo, os seres humanos, através de técnicas e da tecnologia, exercem um domínio cada vez maior. Ademais afirma, seguramente, que o meio técnico-científico informacional é marcado por objetos cada vez mais específicos e ações cada vez mais precisas.

A combinação entre objetos cada vez mais específicos e ações cada vez mais precisas resulta em uma tendência à ampliação de qualquer manifestação de acentuação. Como será mostrado posteriormente, essa combinação entre objetos cada vez mais específicos ("objetos técnicos perfeitos") e ações cada vez mais precisas está presente também na produção agropecuária.

O chamado meio técnico-científico informacional apresenta algumas características básicas, dentre as quais destacamos os avanços nos meios de transporte e comunicações, a rotatividade do trabalho e comunicações em tempo real e a transferência de campo.



A título de exemplo, no caso dos avanços nos meios de transporte e comunicações, podemos citar os aviões (muito e mais rápidos), os navios, cuja capacidade de carga não para de aumentar, e os trens, sobretudo os trens de grande velocidade (TGV), mencionados por Ivaldo Lima no livro "Globalização e fragmentação do Mundo Contemporâneo". Em relação às comunicações, destacamos a Internet e a possibilidade de se comunicar instantaneamente, independente das distâncias.

Sobre a globalidade do dinheiro, é notória a fato de o dinheiro papel ser cada vez mais usado, isso vai desde uma simples compra realizada em uma loja qualquer, até investimentos que uma empresa pode realizar em um outro país independente da escala e da natureza, sistemas de informações permitem uma dinâmica que não se manifesta pontualmente.

A tecnificação do campo, por sua vez, se manifesta através dos complexos agroindustriais e da utilização de objetos técnicos em áreas agrícolas. Há uma grande preocupação de aproveitamento dos solos, há um aumento de produtividade. O uso de máquinas, a especialização de áreas, o serviço prestado por colheitas, pessoas e países, facilita a produção, o armazenamento e a distribuição da produção.

Tudo as informações anteriormente expostas podem levar a uma concepção reducionista da tecnologia. Todavia, devemos apontar para o caráter excludente de países terceiros e regiões impulsionadas. No livro "Os novos aviões globais", Milton Santos, ao afirmar que a globalização é uma forma de possibilidade, aponta para problemas como pobreza, fome, poluição de doenças, desemprego, desabrigados, dentre outros. O mesmo aparece no livro "Cultura de Lagos Indolentes", em que Donaldson de Sousa Santos aponta para as promessas não cumpridas da modernidade.

No livro "Territórios e Sociedade no início do século XXI", organizado por Milton Santos e Marco Aurélio Silva, os autores mostram a desigualdade do poder técnico científico impulsionado através de operações como "velocidade / lentidão", "zonas limítrofes / zonas opacas", "fluidez / viscosidade", "densidade / rarefação" e "empresários que mandam / empresas que obedecem".

Na verdade, todos esses pares se referem à difusão desigual do poder técnico científico impulsionado. Além disso, todos os pares ligados à ideia de um espaço empurrado "posterior / inferior" do objeto e ações, até porque nenhuma empresa manda, assim como nenhuma empresa obedece. Há espaços ocupados por atores hegemônicos e subordinados do poder de decisão inclusive espaços distantes, assim como há espaços ocupados por atores hegemônicos.

Em relação aos pares "densidade / rarefação" e "fluidez / viscosidade", a densidade por si só não sugere movimento. A densidade apenas revela a quantidade de objetos técnicos instalados em determinado área. A partir do momento em que três objetos são movimentados pelas ações, a fluidez.

O conceito de território por si é apresentado por Aguilera Harbert Marcelo Lopez de Souza, Claude Raffestin, dentre outros. Embora seja um termo polissêmico, usado por diversas ciências, além de ser usado em vários sentidos - cultural, econômico e político -, o território sempre está vinculado à ideia de poder, que, por Benveniste de Souza Santos, figurar uma relação de terra em que a terra é designada?

Marcelo Lopez de Souza entende o território como um "campo de forças". Isto quer dizer que o território envolve poder, disputa e embates. Além disso, o território pressupõe o controle de acesso. O autor cita como exemplo de cidade do Rio de Janeiro, com destaque para favelas que atuam no periferia.

Além de fazer referência a estes grupos, o autor fala em

"territórios de baixa intensidade", já que a existência da territorialidade não é plena na medida em que o uso de campos é construído. Além disso, para o autor, o território é cíclico, sendo um processo territorializado por meio de um grupo em diferentes momentos do dia.

Segundo Thoburn parte de pressupostos semelhantes. Para o autor, o território está intimamente ligado ao poder e ao controle de acesso. No entanto, Thoburn sublinha muito a forma rotular através da qual um território pode existir. Ao longo de uma diferenciação entre uma lógica geral e uma lógica rotular, o autor mostra que nem sempre o território se manifesta de forma fixa. E, ao contrário, nem sempre o movimento implica desenvolvimento e os desajustes.

Para o autor Thoburn, o território pode surgir e existir ao longo da possibilidade, assim como a cidade pode ser uma condição de desestatização, por meio dos aglomerados de edifícios.

Apesar de diferenças existentes, o que está claro é que a dimensão do poder está sempre presente. Aquelas que conseguem exercer uma territorialidade por meio de sua ação são aquelas que dispõem de meios para tal. Ao longo o conceito de território não é, evidentemente, que nem sempre o território é estático, contínuo e homogêneo. Territórios e territorialidades podem existir por descontinuidades.

2) A emergência de novas territorialidades em relação ao meio técnico científico informacional é um fenômeno que vem sendo desmistificado por diversos autores em diferentes pesquisas.

Bozina Theobald, ao explicar o processo de territorialização, refere-se ao fato de que o território pode existir em qualquer lugar. O mesmo autor mostra que se trata de um processo solitário, já que a territorialização não é para todos. O autor mostra alguns exemplos que compõem esse território na territorialização: aviação, hotéis, restaurantes e resorts. Como sabemos, somente uma minoria consegue acessar tais serviços.

O meio técnico científico informacional vem sendo um elemento imprescindível à criação de territórios. Raffestin, ao incluir as redes como componentes de territórios, mostra como, de fato, é possível a criação de territórios em um sentido lúcido e estrutural. Isso vale para territorialidades ilegais, inclusive.

Bozina Theobald, no livro "O Meio Técnico Científico Informacional", mostra que a rede territorial Al Qaeda faz uso do meio técnico científico informacional para se manter. Trata-se de uma rede ponto a ponto e descontínua, já que está em vários países e em diferentes continentes. Além disso, é o mesmo meio técnico científico informacional que torna possível que uma rede terrorista utilize um mercado financeiro para realizar transações de diversas ordens.

Por outro lado, podemos citar "empresário de campo" que, em situações de emergências, mas com certa capacidade de investimento, vão para outros países em busca de lucro. Podemos citar o caso de sulistas no norte brasileiro e sulistas no Argélia. Esses migrantes buscam fazer uso da rede de transportes e comunicação. Além de uma gama de recursos técnicos e tecnológicos, com o objetivo de produzir para o mercado externo.

Outro exemplo paradigmático é o que Aracilda U. de Oliveira denomina "monopolização do território", que ocorre quando uma grande empresa determina a produção de diversos produtos. A empresa determina o que será produzido em que quantidade e com qual qualidade. Para tal, a empresa oferece recursos em forma de serviços técnicos e insumos (sementes, fertilizantes, maquinários, etc.). Como exemplo é possível citar as grandes empresas exportadoras de sementes de feijão e milho, como destaque para o caso de Lavoura. Dentre tais empresas, destacamos a Citrosuco, com forte atuação no estado de São Paulo. Trata-se também de uma atividade que, além de a produção de sementes para a produção propriamente dita, exige um sistema eficiente de transportes, visto que boa parte dessa produção é voltada ao mercado externo.

Por isso que as atividades supracitadas não sejam recentes, é possível notar uma reconfiguração em seus modos de atuação, o que só é possível a partir dos sistemas de transporte e comunicação, além de outros fatores já explorados.

3) A relação entre o território brasileiro e o meio técnico científico informacional exige, em primeiro plano, que seja reconhecida a falta de os objetivos técnicos não serem distribuídos de modo equitativo por todo o território nacional, o que acaba resultando em várias manifestações de desigualdades.

No livro "Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI", organizado por Milton Santos e Maria Laura S. Lima, os autores apresentam oposições como "densidade / vazios", "zonas comerciais / zonas operárias", "fluidos / viscosidade" (oposições já explicadas na questão 1). Tais oposições estão sendo aqui retomadas, para não afirmar que os recursos, no território nacional, são muito concentrados em uma parte do território; enquanto outra parte, muito mais extensa, não conta com tais recursos.

No mesmo livro, Milton Santos nos apresenta uma proposta de regionalização. Para Santos, o Brasil teria quatro regiões: Nordeste, Amazônia, Centro-Oeste e Região Concentrada. A Região Concentrada seria a soma das regiões Sudeste e Sul. Seria, também, uma parte da chamada região Centro-Sul. A Região Concentrada é aquela que, como o nome diz, concentra recursos, objetivos técnicos, enfim é o espaço de concentração do meio técnico científico informacional no território brasileiro.

Isso não quer dizer que as outras regiões sejam totalmente desprovidas de recursos. Todavia, nas outras regiões, o que temos são manchas em que o meio técnico científico informacional se faz presente. Temos, a este respeito, temos o caso Franco de Minas, temos a produção de soja no Centro-Oeste, mas é na Região Concentrada que a continuidade se faz mais presente, apesar das desigualdades intra-regionais. O Estado de São Paulo é um exemplo: temos as áreas de produção de transplantes e a produção de sucos para exportação e, ao mesmo tempo, temos a Vale da Aço, que é muito pobre.

Logo, no território nacional, e mesmo em uma mesma região do país, temos zonas comuns e zonas opostas, temas: floras e viscosidade, sensibilidade e temperatura. É assim que as desigualdades são surgidas.

É fundamental apontar para o fato de a instalação das técnicas ser, também, um dado de política. As técnicas são ^{sistemas} e não sistemas técnicos, pois ao mesmo tempo, ~~as~~ técnicas são acionadas por meio de ações políticas. As técnicas são, também, componentes político-econômicos.

Robert Leach Brown, ao apresentar as características do Centro-Sul, da qual a região concentrada é parte, destaca as seguintes características: industrialização, urbanização, agricultura moderna, nível de vida do país, gestão política e econômica do Brasil, dentre outras. No mesmo texto, o autor aponta ser o Nordeste a "região das perdas". É provável que o autor tenha se preocupado com isso no livro "Transições Geográficas", pois é possível a disparidade entre o Nordeste e o Centro-Sul, e mais especificamente, entre o Nordeste e a região concentrada.

Diante disso, Milton E. de Castro, em um texto intitulado "Seca versus seca", nos mostra um componente político cara ao debate: as elites tradicionais predominantemente urbanas, de certa maneira, como uma barreira ao desenvolvimento técnico da região. Criou-se uma situação que coloca a seca como um obstáculo ~~de~~ intransponível, engendrando sistemas que isso não é verdade. Partindo, de qualquer forma, que ações políticas dependem mais técnicas científicas imperfeitas, há ações políticas que, de modo proporcional, não permitem a chegada desse país. Daí a associação direta que Milton Santos fez entre técnica e política, objeto e ação.

As desigualdades socioambientais decorrentes de uma distribuição desigual de recursos, o que inclui uma distribuição desigual de recursos técnicos científicos imperfeitos incluem desde a falta de

acesso a recursos extremamente básicos, como água, terra e alimentos, até as dificuldades que pessoas pobres enfrentam para que consigam se manter. No caso de pessoas pobres desempregadas, ele não consegue uma parcela de terra próxima ao mercado consumidor, não consegue melhorar seu solo para produzir, não consegue uma pequena propriedade perto de rodovias ou ferrovias, já que terras próximas são mais caras. Logo, ele fica exposto em um contexto de competição totalmente desigual.

Se considerarmos que a expressão "desigualdade socioambiental" pressupõe a interação entre seres humanos e recursos naturais, e se entendermos que essa relação, hoje, é mediada por técnicas e tecnologias, o conceito de meio técnico-científico-informacional passa a ser fundamental para que problemas sejam detectados e resolvidos.

Não podemos ter uma outra preocupação sobre a tecnologia, já que, como dito anteriormente, ela é politicamente usada. Essa uso político pode ser conservador/excludente (como, de fato, é), ou pode ser progressista/inclusivo, garantindo uma distribuição mais abrangente e igualitária de recursos.

Benvenista de S. Santos, no livro "A crítica de razão indolente", escreve o seguinte trecho: "conhecimento prudente para uma vida decente". Logo, o conhecimento, quando transformado, convertido em tecnologia, não surge como um dado, mas sim como algo objeto de componentes técnicos e políticos, desde sua concepção até seu uso final.

Temos, no caso brasileiro, poucas grandes empresas, nacionais e estrangeiras, gerando o território com o avil do Estado. O Estado não se recusa, como alguns afirmam. O Estado se omite em relação a alguns problemas, sugerindo se faça presente quando é de seu interesse. Algumas obras de infraestrutura evoluem com tal afirmação. O progresso vale para incentivos fiscais. Temos, portanto, agentes hegemônicos como grandes empresas, que escolhem os melhores pontos, onde

possam atuar. São esses agentes hegemônicos que criam zonas
comuns e zonas fluidas. De outro lado, temos os agentes
hegemônicos - indigenas, quilombolas, seringueiros, cidadãos pobres -
que não são privilegiados pelas ações dos agentes hegemônicos, pelo
contrário. Não são assistidos por serviços públicos, não fazem parte
dos avanços por meios de transportes e comunicações, enfim, são
grupos à margem. São eles os ocupantes de zonas áridas e viscosas.